

Portales: Abriendo
nuestros corazones a
los musulmanes

Dr. Perry J Hubbard

Copyright ©2016 Dr. Perry J Hubbard

Todos os direitos reservados.

Design da capa por Ricardo Moisa

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada em um sistema de recuperação ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro, exceto conforme expressamente permitido pelos estatutos de direitos autorais aplicáveis ou permissão prévia do autor.

Fotografias e imagens são protegidas pela lei de direitos autorais.

Salvo indicação em contrário, todas as citações das escrituras são da Nova Versão Internacional da Bíblia

Conteúdo

Portais: abrindo nossos corações e mentes para o ministério entre muçulmanos 2

Introdução – Preparação 3

Introdução – Fundação do Islã 4

A Influência de Muhammad 5

Classificação 6

Seu ponto de vista 8

Portal 1 - Cremos 8

Portal 2 - Orações 11

Portal 3 - Dando (Zakat) 13

Portal 4 - Jejum 15

Portal 5 - Ritual - Hajj 17

Recursos 20

Portais: abrindo nossos corações e mentes para o ministério entre muçulmanos

Introdução – Preparando-se

Quando conhecemos uma nova pessoa, imediatamente tomamos muitas decisões sobre se vamos gostar dessa pessoa quando ouvimos sua voz, a vemos e aprendemos seu nome. Na verdade, muitas decisões e suposições são feitas antes mesmo de qualquer coisa ser dita ou feita; eles são baseados apenas no que vemos. Avaliamos sua aparência – roupas, penteado, aparência física. Avaliamos seus maneirismos – expressões faciais, gestos, posição do corpo. Avaliamos o local – iluminação, som, ambiente. Essas decisões afetarão como os ouvimos, se os ouvimos, como respondemos a eles, se escolhemos responder e nossa opinião sobre seu valor. Isso soa tão superficial e injusto, mas é a verdade.

Se escolhermos dar o próximo passo, o que significa que todos os itens acima se encaixam em nosso conceito do que é aceitável, podemos estar dispostos a iniciar uma conversa com a pessoa. Esta decisão é então afetada por onde estamos. Nosso encontro está acontecendo no trabalho, na escola, em público ou em particular? É um evento social, atividade recreativa ou reunião de negócios? A configuração terá um impacto significativo em quão abertos estamos para dizer mais ou menos do que o absolutamente necessário. Você sabe – seu nome, ocupação e número de telefone. Ou nome, cidade onde mora, escola que frequenta ou frequentou. Novamente, tudo muito superficial e não destinado a aprender nada de valor. Quando digo de qualquer valor, quero dizer informações que podem me ajudar a conhecer a pessoa e quem ela é.

Todos os itens acima abrem a porta para fazer muitas suposições sobre a pessoa que acabamos de conhecer; suposições sobre por que eles têm essa aparência, por que agem de determinada maneira, o que seu comportamento e maneirismos significam e assim por diante. Essas suposições geralmente são falsas, mas fazemos isso para evitar o problema de cavar mais fundo e começar a entender quem é a pessoa, o que aconteceu em sua vida para trazê-la a esse lugar e eventos que podem tê-la moldado, mas não o são. evidente a partir de um breve encontro.

Vamos usar o nome da pessoa para explicar. Os nomes muitas vezes, mas nem sempre, indicam lugares de origem. Eles imediatamente trazem à mente descrições de grupos específicos de pessoas e a maneira como eles se comportam devido ao seu local de origem. Os nomes também podem indicar status social e econômico. Existem nomes que só aparecem dentro de determinados níveis e grupos sociais. Os nomes podem ser usados para determinar nosso nível de interesse em explorar ainda mais quem é a pessoa. Podemos fazer o mesmo jogo de nome com informações de localização. Certas localizações geográficas predeterminam, na mente de muitos, o valor de uma pessoa e como ela se comportará. Isso novamente afeta a forma como respondemos a eles.

A aparência física é um dos fatores mais complicados usados em nossa avaliação. Se uma pessoa tem um defeito óbvio ou algo que parece anormal, (e esse é um conceito muito subjetivo), iniciamos outro processo de avaliação. Esse processo depende de qual parte do corpo é afetada, como isso afeta seu movimento e assim por diante. Novamente - superficial.

Outro aspecto que podemos observar é a emoção. Eles são enérgicos, tristes, focados ou distraídos? Esta lista pode ficar muito longa - e é a área de avaliação mais subjetiva. É também a área em que

fazemos mais suposições sobre uma pessoa e se queremos investir nosso valioso tempo para conhecê-la, arriscar nossas posses para ajudá-la ou nos arriscar para entendê-la.

O aspecto mais complicado de tudo isso é que nenhum de nós usa o mesmo método de avaliação. Todos nós damos diferentes níveis de importância a coisas como aparência, nomes, educação e assim por diante. Duas pessoas podem conhecer a mesma pessoa e ter opiniões completamente diferentes sobre essa pessoa e fazer suposições muito diferentes sobre por que se comportam da maneira que se comportam e o que aconteceu em suas vidas para que o fizessem. Às vezes, estamos certos. Mas muitas vezes, muitas vezes, estamos errados. Mas muitos, se não a maioria, não estão dispostos a investir o tempo necessário para entrar nas origens e explicações. Dependemos muito de nossas observações, do que aprendemos sobre raça, cultura e geografia e do que nos foi dito por outras pessoas relacionadas a essas áreas de avaliação.

Fazemos isso no trabalho, no lazer, na escola. Certamente o fazemos na área da política. Fazemos isso na área de status social, economia e educação. Fazemos isso o tempo todo.

Também o fazemos na área da crença religiosa. Nós decidimos muitas coisas sobre uma pessoa apenas ouvindo de que grupo religioso ela faz parte, por exemplo: protestante vs católico; Batista vs Metodista; armênio vs calvinista; liberais versus conservadores. Uma longa lista de comparações e avaliações poderia ser feita desses grupos. Eles impactam fortemente o desenvolvimento de relacionamentos entre os indivíduos.

Fazemos isso também entre religiões: ateu vs deísta, agnóstico vs animista, universalista vs panteísta. Sim, essas são maneiras reais pelas quais as pessoas fazem avaliações. Mas eles não são tão óbvios como quando usamos termos como muçulmano, budista, taoísta e muitos outros. Os termos nos levam a avaliar e definir a pessoa antes mesmo de conhecê-la. Nós tendemos a colocar um rótulo em uma pessoa com base na religião que ela segue. Esse rótulo colore para sempre nossas relações ou possibilidades de relações.

Obviamente, o melhor a fazer é ir além do superficial e descobrir quem a pessoa realmente é e o que aconteceu em sua vida para trazê-la até este momento. Precisamos fazer perguntas suficientes para ir além dos rótulos e pressupostos em que basear nossa avaliação e a possibilidade de compartilhar a vida e a verdade com eles.

Dito tudo isso, vamos tomar algum tempo para aprender sobre as origens e fontes que formaram o Islã. Isso nos ajudará a entender os primórdios da fé que um muçulmano segue.

Introdução - Fundação do Islã

Maomé, o fundador do Islã, nasceu por volta de 570 dC em Meca. Ele fazia parte de uma tribo que era descendente de Ismael, e eram considerados monoteístas. Seu pai morreu antes de ele nascer e sua mãe morreu quando ele era criança. Ele foi criado por seu tio paterno e viajou com ele em caravanas para a Síria. Durante esse tempo, ele encontrou diferentes grupos de judeus e cristãos e aprendeu sobre suas crenças e história.

À medida que crescia, Mohammed ganhou a reputação de empresário respeitável e imparcial. Isso chamou a atenção de Khadijah, a viúva de um comerciante de sucesso. Ela propôs casamento e ele aceitou. Ela tinha 40 anos e Mohammed 25. Eles tiveram seis filhos. Apenas sua filha Fátima sobreviveu à infância. Foi nessa época que Maomé desenvolveu o hábito de passar o tempo em uma caverna em reclusão para meditar. Por volta dos 40 anos, ele teve sua primeira visão de Gabriel, o arcanjo, que lhe disse que havia sido enviado para dar a Maomé uma revelação de Deus. Este evento causou-lhe muito medo e estresse. Quando ele contou à esposa e ao primo dela (que era cristão), eles o encorajaram a continuar a ouvir a visão, acreditando que ele estava sendo chamado para ser profeta. Essas visões continuariam até sua morte em 632.

No início, apenas alguns ouviram a pregação de Maomé sobre suas visões; acreditando ser de pouca importância. Mas à medida que mais pessoas começaram a responder aos seus ensinamentos, a perseguição surgiu. Isso porque o foco principal de suas visões era sua oposição ao politeísmo praticado pela maioria dos grupos tribais. Este politeísmo criou um benefício econômico para a cidade de Meca. Foi aqui que a Caaba foi construída para abrigar as imagens de todos os deuses adorados pelas tribos. Quando as pessoas vinham visitar, esperava-se que deixassem presentes e sacrifícios que aumentavam muito a riqueza e a posição do povo de Meca. O ensinamento de Maomé ameaçou isso e então eles atacaram Maomé e seu pequeno grupo de seguidores. Como resultado, Mohammed e seu grupo migraram para Medina em 620-2. Um grupo menor foi para a Abissínia e recebeu asilo dos cristãos. (Isso é um pouco semelhante à história de Paulo e os ourives de Ártemis em Éfeso – eles atacaram Paulo por causa da perda de negócios como pessoas convertidas ao cristianismo.)

Começou então um período de guerras e batalhas com várias tribos que se opunham aos ensinamentos e poder crescente de Maomé e seus seguidores, que agora eram chamados de muçulmanos. Esses atacantes incluíam grupos tribais e grupos de judeus que não aceitaram Maomé como profeta. Com o tempo, porém, seus ataques passaram da ação defensiva para a ofensiva, porque Maomé e seus seguidores os forçaram à submissão. Mesmo tempos de derrota fortaleceram a determinação de Maomé e dos muçulmanos.

Havia dois propósitos principais para a luta contínua dos muçulmanos - acabar com o politeísmo e unir as tribos. Finalmente, Maomé ficou forte o suficiente e liderou seu exército para capturar Meca em 630. Eles o fizeram com pouca oposição. A primeira ação de Maomé foi remover e destruir todos os ídolos localizados na Kaaba. Os anos seguintes se concentraram em unir as tribos da Arábia. Uma condição chave para a rendição, entretanto, era que as tribos deveriam abandonar sua adoração a outros deuses e aceitar o Islã como sua religião ou seriam destruídas.

Em 632, Maomé morreu logo após participar do hajj (uma reconstituição da fuga para Medina). A liderança dos muçulmanos passou para Abu Bakr que os liderou em uma época de conquista e expansão que continuaria por quase cem anos. Nessa época, os grandes impérios de Roma e da Pérsia haviam

caído e a igreja cristã estava dividida e enfraquecida. Ambos os eventos possibilitaram a expansão política do Islã e a conversão da região. Ao final dos cem anos, o controle e a influência muçulmana chegariam da Espanha à Índia.

Influência de Maomé

Mohammed começou a vida como órfão. Sua adolescência o colocou em contato com cristãos e judeus. Ele cresceu em um grupo tribal monoteísta que descendia da linha de Ismael. Ele viu o impacto da adoração de ídolos e as divisões que ela causou. Era uma pessoa inteligente e respeitada por sua capacidade de negociar. Seu casamento lhe deu acesso a uma esfera maior de influência. As visões lhe deram uma mensagem e plataforma para promover o monoteísmo e a unidade entre as facções da Arábia.

A oposição e perseguição que ele experimentou criaram uma necessidade de sobrevivência e resultaram no desenvolvimento de um exército para proteger seu grupo e subjugar outros. Ele conquistou vitórias importantes contra probabilidades esmagadoras, mas mesmo suas derrotas foram vistas como evidência de que ele foi guiado e protegido por forças invisíveis.

A aceitação de seus ensinamentos por pessoas-chave e a perseguição por parte de outros formaram a base para as decisões relacionadas à sobrevivência dessa nova religião. Também possibilitou a propagação dos ensinamentos que ele dava com base nas visões e mensagens que estava recebendo. Essas mensagens foram recebidas ao longo de um período de 30 anos. Às vezes, Maomé as recebia enquanto meditava em particular e outras vezes aconteciam na presença de outras pessoas. Esses eventos são descritos como tendo a aparência de convulsões devido à intensidade da experiência.

As mensagens se tornaram, quando reunidas e unidas, o Alcorão. Mohammed recebeu as mensagens literalmente de Gabriel, que exigia que ele as memorizasse antes de poder sair. Isso foi necessário porque Maomé era analfabeto. Com o tempo, um grupo de 60 pessoas, chamado de Companheiros, se reuniu em torno de Mohammed. Eles moravam perto para que Mohammed pudesse ligar para um deles a qualquer momento. Eles estavam prontos a qualquer hora para anotar a última mensagem de Gabriel.

Os versículos foram copiados, revisados para ter certeza de que foram copiados corretamente e então adicionados ao material existente. A localização de cada nova revelação foi dada a Maomé por Gabriel depois que ele a recebeu. Isso significa que cada sura, ou seção, do Alcorão é composta de revelações recebidas em diferentes momentos ao longo da vida de Maomé. À medida que recebia cada mensagem, também lhe era dito onde deveria ser colocada entre todas as mensagens anteriores. Isso significa que cada sura é uma mistura de mensagens recebidas em momentos diferentes.

Após a morte de Mohammed, Abu Bakr estabeleceu um plano para reunir todos os materiais escritos existentes e organizá-los em uma cópia completa. Esta cópia tornou-se a versão oficial do Alcorão. Para melhorar o processo de ensino e memorização do Alcorão e evitar problemas com textos variantes, traduções e interpretações - com base nas diferenças de idioma local, todos os outros manuscritos foram destruídos. Desta cópia mestre foram distribuídas seis cópias exatas. Isso se tornou a base para todo o ensino e memorização do Alcorão. Isso também reforçou o conceito de que o Alcorão não deveria ser traduzido e só poderia ser verdadeiramente entendido em seu idioma original. Estes foram distribuídos para locais-chave junto com um professor para ter certeza de que foram lidos e pronunciados corretamente.

Cerca de 100 anos depois, começou o processo de coleta de comentários, ditos e tradições de Maomé. Estes não foram registrados durante a vida de Maomé e, portanto, dependiam de tradições e

informações transmitidas oralmente. Esse conjunto de materiais passou a ser conhecido como Hadith que significa relatos ou narrativas.

Avaliação

Este é apenas um breve retrato da pessoa que conhecemos como Maomé. À primeira luz, ele parece ser um homem sincero que queria que seu povo servisse apenas a um deus. Uma pessoa que queria ver seu povo unido. Ele era um profeta? Ele realmente recebeu visões? A resposta é sim para ambas as perguntas. No entanto, a melhor pergunta é: para quem ele era um profeta? E de quem ele recebeu as visões?

Maomé claramente se enquadra na categoria de profeta. Ele chamou o povo à obediência. Ele chamou o povo para abandonar os ídolos. Ele chamou o povo a seguir um melhor sistema de leis e relações entre si. Então sim, ele era um profeta. Ele recebeu visões? Novamente, a resposta é provavelmente sim. Mas onde e eles vieram é mais difícil de responder. Ele, e aqueles que seguem seus ensinamentos, afirmam que vieram diretamente de Deus através do anjo Gabriel; um ditado direto da palavra de Deus para o povo de Ismael.

Sabemos que Deus deu uma palavra aos judeus, a linhagem de Isaque, em hebraico. Ele também deu uma palavra aos gentios, em grego, para aqueles que seguiam a Jesus. O Alcorão tornou-se a palavra de Deus, em árabe, para o povo da linhagem de Ismael. É por isso que, no Islã, todos os três grupos, judeus, cristãos e muçulmanos, são considerados pessoas do “Livro”. Pois Deus deu a cada grupo sua palavra para eles. No entanto, os muçulmanos não acreditam que esses livros sejam iguais e não sejam mutuamente exclusivos. No entanto, todos os muçulmanos são encorajados a ler o Tawrat, os livros do Antigo Testamento, e o Injeel, os livros do Novo Testamento. Falaremos mais sobre isso mais adiante.

Tudo isso nos ajuda a evitar avaliar e pré-julgar aqueles que encontramos que seguem o Islã? Se estamos falando de um povo que busca sinceramente a Deus (ou, no caso deles, Alá), isso deve ser de grande ajuda para evitar suposições e erros de julgamento sobre eles como povo. Mas também deve revelar quão pouco sabemos sobre tudo o que compõe seu sistema de crenças. Deve nos fazer parar e perceber que o que acabamos de ler é apenas o embrulho, por assim dizer. Apenas nos diz como as coisas se originaram ou começaram. O que precisamos saber e devemos investigar é o conteúdo do pacote. Como é entendido e como impacta a vida daqueles que se dizem muçulmanos?

É como falar com uma pessoa sobre seu nascimento. Aprendemos a data de nascimento, a filiação e um pouco sobre os eventos que cercaram o nascimento, mas nada sabemos sobre como o bebê cresceu e como sua personalidade se desenvolveu. Maomé é, em certo sentido, o nascimento do Islã e talvez um pouco de sua infância. Há muito mais para aprender. Por quê? Porque na maioria das vezes estamos lidando com pessoas que são adultas e passaram anos sendo ensinadas e influenciadas por esse sistema de crença.

O que precisamos explorar agora é como o Islã impactou e mudou a vida e as ações daqueles que se dizem muçulmanos. Cada pessoa será diferente. Para cada um, o impacto, embora possa parecer o mesmo na superfície, pode ser muito diferente na forma como influencia suas vidas. É como aquela ideia de data de nascimento. Muitas pessoas nascem no mesmo dia, no mesmo lugar, e até podem parecer muito parecidas, ou pelo menos pertencer à mesma cultura. Mas depois de anos as diferenças

podem e são muito evidentes. Mesmo quando todas as coisas são iguais - status social, condição econômica e educação, as diferenças entre esses dois bebês como adultos podem ser extremas.

Então, deixando de lado toda publicidade ou informação negativa sobre Maomé, o que temos é uma pessoa que, na superfície, realmente queria ver seu povo abandonar seu politeísmo para seguir um Deus. Ele era uma pessoa que queria acabar com as constantes guerras entre as pessoas de seu tempo, para ajudá-las a aprender a respeitar a si mesmas e aos outros. Podemos questionar seus motivos mais profundos, seus métodos e outros aspectos de sua vida e atividade, mas isso apenas criará barreiras. Isso nos levará de volta a fazer suposições sobre a pessoa, um seguidor de Maomé, que queremos conhecer.

Nosso objetivo, então, é identificar e remover as barreiras, e abrir as portas para que possamos conhecer a pessoa. Se, depois de fazer amizade com eles, eles rejeitam a verdade que temos e a revelação do amor de Deus por eles, então que seja porque eles escolheram fazê-lo. Mas que não seja porque os impedimos de ouvir porque éramos muito preconceituosos, fizemos suposições falsas ou criamos um contexto em que eles não podiam ouvir Deus falar.

Seu ponto de vista –

O que eles veem e pensam quando ouvem uma pessoa dizer que é um cristão? Como seguidores de Cristo, sabemos o que queremos que eles acreditem, mas quando você olha para o contexto em que essa palavra é usada, pode criar uma imagem totalmente diferente.

Queremos que eles vejam Cristo, mas eles vêem algo bem diferente. Quando nascem, nascem muçulmanos. Não importa onde eles moram, sua origem social ou qualquer outra ideia que possamos usar para identificá-los. Eles são muçulmanos. É quem eles são e, infelizmente, eles aplicam o mesmo conceito a todos os nascidos em uma nação “cristã”. Assim, os cristãos são equiparados ao alcoolismo, pornografia, violência, racismo, força militar, etc.

Esta é a imagem errada, mas é o que eles vêem e são ensinados. Eles não sabem como é um verdadeiro seguidor de Jesus. Então isso significa que temos um problema duplo. Temos que superar nossas suposições e medos, para que possamos conhecer a pessoa, e temos que superar suas suposições sobre os chamados cristãos.

À medida que avançamos, estaremos analisando uma série de tópicos e tentando abrir nossos corações para eles e, ao fazê-lo, tornando-nos pessoas reais que podem conhecer e talvez confiar. Talvez confie o suficiente para ouvir a verdade que Deus nos deu para eles.

Portal 1 - Credos

Os credos são declarações das próprias crenças e são desenvolvidos para ajudar as pessoas a declararem claramente o que acreditam. Eles também podem ser chamados de “declarações de fé e prática”. Os credos são usados como em tempos de confissão de crença, em tempos de ensino sobre o que se acredita e como meio de reafirmar essa crença. O conteúdo geralmente é bem definido. Ele

declara os pontos centrais da crença e geralmente inclui um comentário sobre a fonte dessa crença ou o que é usado para guiar alguém a seguir o que acredita.

Os credos assumem muitas formas, de muito simples a muito envolventes. Por exemplo: o budismo tem um conjunto complexo de credos ou códigos. Eles incluem: as três jóias, as quatro nobres verdades, os cinco preceitos e o caminho óctuplo. Cada um baseia-se e está relacionado com os outros. Um aspecto central é a crença nos ensinamentos de Buda.

Um exemplo de que é simples é o da fé judaica. “Ouve, ó Israel: O Senhor nosso Deus, o Senhor é Um”. (Dt 6:4)

Esta declaração se concentra na existência de um único Deus, o que inclui aceitar seu ensino e autoridade como encontrados na lei e nos profetas. Um breve resumo de seus elementos-chave é encontrado nos Dez Mandamentos.

O cristianismo tem declarações simples e mais complexas. Um básico é dado a nós por Paulo – “Se você confessar com sua boca, “Jesus é o Senhor”, e crer em seu coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos, você será salvo”. (Ro 10:9)

Um mais extenso é o Credo Apostólico – creio em Deus, o Pai todo-poderoso, criador do céu e da terra. Creio em Jesus Cristo, Filho único de Deus, nosso Senhor, que foi concebido pelo poder do Espírito Santo, nasceu da Virgem Maria, padeceu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado; ele desceu aos mortos. No terceiro dia ele ressuscitou; subiu ao céu, está sentado à direita do Pai e virá para julgar os vivos e os mortos. Creio no Espírito Santo, na santa Igreja católica, na comunhão dos santos, na remissão dos pecados, na ressurreição da carne e na vida eterna. Um homem.

Esses dois credos incluem as crenças encontradas no credo dos judeus, mas acrescentam ideias-chave, a existência de Deus como Trindade e a obra de Jesus em prover nossa salvação. Implícita nisso está a dependência das porções do Antigo e do Novo Testamento da Bíblia. “No passado, Deus falou muitas vezes e de várias maneiras aos nossos antepassados por meio dos profetas, mas nestes últimos dias nos falou pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas e por meio de quem fez o universo.” (Hb 1:1-2)

O Islã como um credo simples chamado Shahada. É uma declaração de fé. Quando recitado, é quase sempre feito em árabe: *lā 'ilāha 'illā-llāhu muḥammadun rasūlu-llāh* (لَا إِلَهَ إِلَّا اللَّهُ مُحَمَّدٌ رَسُولُ اللَّهِ). Esta declaração deve ser declarada publicamente pelo menos uma vez na vida de um muçulmano para confirmar que uma pessoa é muçulmana ou se converte ao Islã. A Shahada geralmente tem duas partes.

- Parte um: Não há deus além de Deus (Allah) - Isso declara sua crença em um Deus
-

- A segunda parte é: Maomé é o mensageiro de Deus – Isso declara sua crença em Maomé como o mensageiro e por inferência que as palavras dadas a ele por Gabriel são de Deus. Os muçulmanos também são encorajados a ler o Antigo Testamento (Tawrah e Zabur) e o Novo Testamento (Injeel). (sura 2:87; sura 5:49)

Na seita xiita (um grupo islâmico específico) é acrescentada uma terceira frase: E que Ali é o wali de Deus (guardião de Deus). Isso se relaciona com a crença de que apenas uma pessoa da linhagem de Maomé pode ser o califa, ou líder, do Islã.

A Shahada é sussurrada pelo pai no ouvido de uma criança recém-nascida e sussurrada no ouvido de um moribundo. Cada uma das cinco orações diárias do muçulmano inclui a recitação deste credo. A recitação da Shahada na presença de testemunhas é o primeiro e único passo formal na conversão ao Islã. Sua recitação deve refletir a compreensão de sua importância e basear-se em sincera sinceridade.

Ambas as frases aparecem no Alcorão, mas não juntas. Vários registros sugerem que não foi até o final do século VII que foi oficialmente estabelecido como um ritual. Mas sua aparência em vários edifícios e formas indica claramente que seus sentimentos faziam parte do Alcorão e da crença islâmica desde o início.

É aqui que começamos a encontrar os principais desafios que afetam as relações entre muçulmanos e cristãos. Estes são encontrados no nível de suas crenças fundamentais. Vejamos alguns deles e esperamos começar a entender o abismo que nos separa e também investigar como usar os credos para construir um relacionamento que abrirá o caminho para eles descobrirem Jesus (Isa), o Messias.

A primeira crença é aquela com a qual concordamos. Existe apenas um Deus e servir a qualquer outro deus é idolatria. É um dos temas-chave do Alcorão. O conflito está em nossa compreensão da natureza de Deus. Como cristãos, cremos em um Deus trino. Mas acreditar nisso não significa que possamos explicá-lo. Para muitos, inclusive Muçulmanos, parece que temos três deuses e não um. De fato, para muitos no islamismo, há a crença de que os nomes dos três deuses do cristianismo são Deus, Jesus e Maria.

A segunda grande crença, novamente, tem um ponto de concordância. Ambos concordamos que Deus seleciona pessoas para comunicar sua palavra aos outros. Geralmente são chamados de profetas. Tanto o Alcorão quanto a Bíblia estão de acordo sobre quem são muitos desses profetas – Moisés, Isaías, João Batista e Jesus são alguns.

Para os cristãos, a última pessoa na linha dos profetas é considerada Jesus. Enquanto há outros que preencheram e ainda cumprem a função de profeta, Jesus é o último cujas palavras foram consideradas como vindas diretamente de Deus. Outros foram chamados para pregar e ensinar as palavras dadas por Jesus, e por causa deles temos os livros de Paulo e outros.

Para o Islã há mais um mensageiro, mais um profeta, enviado por Deus. Ele é Maomé. Neste ponto entramos novamente em conflito. Não com a ideia de alguém que fala em nome de Deus, mas de

alguém cujas palavras são reivindicadas como palavras diretas de Deus. Isso está em contradição com as palavras finais do Apocalipse e a ordem de não acrescentar ou alterar a palavra como foi dada.

É neste ponto que encontramos mais conflitos e problemas. O Alcorão nem sempre está de acordo com o Tawrah (Pentateuco e profetas), Zibur (Salmos) ou Injeel (Novo Testamento). E um dos pontos mais fortes de conflito é sobre a vida e a natureza de Jesus. O Alcorão concorda que Jesus é o Messias, que ele era perfeito e sem pecado, e que ele realizou milagres. Ele também é considerado o maior dos profetas. Mas, de acordo com o Islã, ele não é Deus encarnado, ele não morreu (Deus providenciou um substituto) e, portanto, não salvou ninguém de seus pecados. O Islã acredita que Jesus foi levado para o céu e que um dia ele retornará e isso sinalizará o fim dos tempos.

Poderíamos continuar fazendo comparações entre os credos e crenças desses dois sistemas de crença. Esse não é o ponto e não é produtivo. O que ele faz é nos ajudar a perceber que ambos temos credos. Que muitos acreditam fortemente nas crenças representadas por esses credos. E que exigirá paciência e compreensão para superar as barreiras que existem por causa delas. Mas, ao mesmo tempo, esses pontos de contato podem oferecer grandes oportunidades para se conectar e abrir portas para uma maior construção de relacionamento.

A chave a ser lembrada é: você pode ganhar uma discussão, mas perder um relacionamento. Não se trata de ganhar debates teológicos. Trata-se de estabelecer relacionamentos e deixar que isso guie a direção da conversa. Muitos dos autores do ministério muçulmano incentivam tais discussões, mas sempre a partir do ponto de ouvir e usar o Injeel como ferramenta de partilha.

Em vez de fazer uma lista de tópicos-chave para discutir, é melhor convidar um muçulmano para ler o Injeel; mesmo para lê-lo juntos. Isso permitirá que os temas surjam de forma mais natural, como parte da leitura da Palavra. Isso lhes permite formar suas perguntas e talvez encontrar as respostas sem as questões de confronto que geralmente aparecem quando um tipo de abordagem de debate é usado.

Há mais uma faceta neste tópico de credos. Muitas vezes os credos mais curtos começam a assumir a forma de um mantra. (Frases que são repetidas com o objetivo de melhorar a meditação e assim aumentar sua conexão com o mundo espiritual.) A shahada é usada em muitos contextos e facilmente repetida várias vezes na esperança de ganhar a atenção de Allah.

Ao mesmo tempo, podemos ser acusados da mesma prática em nosso culto. Recitamos o Pai Nosso, o Salmo do Pastor e outras passagens como parte de nossa adoração. Sabemos que esta prática não nos proporciona bênção especial ou acesso a Deus. No entanto, aqueles que nos observam podem não ver a diferença, especialmente quando veem a prática da penitência na Igreja Católica e a repetição do Pai Nosso ou da Ave-Maria.

Precisamos aprender no que os outros acreditam, não para que possamos atacá-los e corrigi-los, mas para que possamos encontrar maneiras de nos conectar com eles e entender que eles também estão buscando a verdade. Nosso objetivo deve ser juntá-los na busca e orar com paciência para que Deus nos dê sabedoria em como responder às perguntas que certamente serão feitas.

Nossos credos nos darão a oportunidade. Nossa tarefa é entender o que acreditamos e deixá-los explorar nossas vidas e comparar isso com o que eles acreditam.

Portal 2 - Oração

A oração e a meditação são uma parte fundamental de todas as religiões. O foco é trazer nossos corações e mentes a um estado em que seremos capazes de nos comunicar e receber uma resposta do reino espiritual.

Como cristãos, somos encorajados a orar e contar a Deus nossas necessidades. Temos muitos exemplos de quem assumiu tais compromissos e foi honrado por Deus. Davi se comprometeu a orar regularmente. Daniel orou mesmo que isso significasse ser jogado aos leões. O hábito de Jesus era ficar sozinho para conversar com seu Pai. Sua instrução sobre como orar é encontrada na Oração do Senhor. Paulo encorajou as pessoas a orar sem cessar.

Um ensinamento central sobre oração é encontrado em Mateus 6, que contém várias instruções, bem como um exemplo de como orar. A instrução que Jesus deu criou um conceito e propósito de oração muito diferente do que estava sendo praticado naquela época. Os líderes eram muito públicos em suas orações e eram muito prolixos e repetitivos. Jesus condenou ambas as práticas porque tinha pouco a ver com entrar na presença de Deus. Em vez disso, suas orações se concentravam em ganhar a atenção e o louvor dos homens. Em suma, eles estavam se exibindo. A recomendação de Jesus é exatamente o oposto. Ele nos diz para encontrar um lugar de privacidade e depois falar com Deus. Deus sabe o que precisamos. O que ele quer ouvir é o nosso coração.

Uma outra coisa a notar. No exemplo que Jesus nos deu (Mt 6:9-13), o foco está principalmente no reino de Deus e em fazer o que for necessário para fazer parte desse reino de Deus. Um aspecto chave disso é fazer parte de trazer esse reino ao mundo. Devemos nos certificar de que seu nome seja tratado como santo em nossas vidas (v. 9). Devemos estar envolvidos em seguir a vontade de Deus aqui na terra da mesma forma que é seguida no céu (v. 10). Devemos buscar a cada dia os recursos necessários para servir efetivamente no reino (v. 11). Devemos aprender a lição do perdão para que outros sejam perdoados e atraídos a Deus (v. 12). Finalmente, devemos buscar o poder de Deus porque nosso inimigo deseja destruir todos os que seguem a Deus (v. 13).

Isso contrasta fortemente com o quanto o mundo trata o conceito de oração ou petição. Para muitos, a repetição é um elemento-chave. Você vê isso nas rodas de oração de muitas religiões orientais. Rodas ou tambores são cobertos com orações que são conduzidas pelo vento. A crença é que cada vez que faz uma rotação a oração é repetida e, ao fazê-lo, fornece um lembrete constante de suas petições aos deuses ou espíritos. Rodas de oração, queima de velas, incenso e outras práticas se concentram em repetir, repetidamente, a oração com a esperança de que, em algum momento, as orações possam ser ouvidas.

Vemos o impacto desse pensamento até mesmo na igreja. Muitos repetem o Pai Nosso repetidamente, ou a Ave Maria, com a esperança de que de alguma forma influencie a decisão de Deus. Muitos, em suas orações, repetem palavras-chave, frases ou os nomes de Deus repetidamente, como se isso desse maior poder e credibilidade às suas petições. Há aqueles que acreditam que orar repetidamente as escrituras fará com que Deus ouça. E assim nos afastamos do coração da oração, que é encontrar-se com Deus, adorá-lo e ouvir sua direção.

Com tudo isso como pano de fundo, podemos agora olhar para o que é chamado de segundo pilar do Islã, a oração diária, ou salat.

Espera-se que um verdadeiro e fiel muçulmano reze cinco vezes por dia, todos os dias ao longo do ano. Antes de orar, eles são obrigados a se lavar ou realizar o que é chamado de ablução, wudu ou lavagem ritual. Existem várias etapas para esse processo e elas variam um pouco de grupo para grupo. No entanto, todos eles incluem lavar as mãos, a cabeça, os braços até os cotovelos e os pés, incluindo os tornozelos; seguindo instruções específicas para a maneira como a lavagem é feita. No final é recitada uma breve oração que geralmente inclui a Shahada.

Os cinco tempos designados para a oração são:

1. Antes do nascer do sol
2. Meio-dia, depois que o sol passa pelo seu ponto mais alto
3. Fim da tarde
4. Logo após o pôr do sol
5. Entre o pôr do sol e a meia-noite

O padrão de oração é sempre o mesmo. Geralmente é para ser feito com outras pessoas e, se possível, em uma mesquita. Mas pode ser feito sozinho e em qualquer lugar. Também se deve ter um tapete de oração para usar durante a oração.

Começa com a chamada para a oração ou adhan pelo muezzin (a pessoa designada na mesquita para liderar e recitar o Alcorão). Isso sinaliza que é hora de realizar o wudu (ablução). Logo segue a segunda chamada, conhecida como iqama. Neste momento, todos os muçulmanos se alinham e enfrentam Meca. O salat é composto de unidades repetidas chamadas rakats. Isso envolve momentos de ficar em pé, curvar-se, ajoelhar-se, prostrar-se e sentar-se. Durante todas essas etapas são recitados versículos, frases e orações específicas do Alcorão.

Curiosamente, o propósito da oração não é beneficiar Allah. Os muçulmanos oram porque foram instruídos a fazê-lo e, assim, obterão grandes benefícios da prática. É também colocá-los em contato direto com Allah. Um segundo propósito é ajudar a pessoa a perceber que a humanidade é uma e todos são iguais aos olhos de Deus.

Há muitas outras ocasiões em que um muçulmano reza. Estes são divididos em vários níveis de obrigação, sendo o Salat o nível mais alto. O próximo seria as orações oferecidas na sexta-feira durante a reunião. Outros são realizados durante festivais importantes como o Eid e o Ramadã. Há também orações voluntárias que uma pessoa pode realizar em outros momentos.

Uma forma única de oração usa o subha ou contas de oração. Esses são costumava recitar os 99 belos nomes de Allah. Eles também podem ser usados para repetir três frases-chave 33 vezes cada. São eles: Glória a Allah, Louvado seja Allah, e Allah é Grande.

Finalmente, há momentos em que um muçulmano pode fazer pedidos específicos a Allah. Estes são chamados du'a e significam chamado. É um ato de lembrar de Allah e invocá-lo. Estas podem ser orações por perdão, agradecimento, orientação e força em tempos difíceis e para refeições.

Os muçulmanos são bastante abertos aos seguidores de Jesus, o Messias, orando por eles. A chave será decidir que nome para Deus será usado quando orarmos. Vamos manter nosso foco em Deus, mesmo dispostos a usar a palavra Alá, que na verdade é a palavra árabe para Deus?

A oração pode fornecer uma grande oportunidade para se conectar com um muçulmano, desde que não sejamos arrastados para um debate sobre o ritual. A chave é focar no desejo de estar na presença de Deus. Os muçulmanos devem nos ver como pessoas de oração, não por causa de nossos rituais de oração, mas porque nos veem como pessoas que rezam; orando sobre diferentes aspectos de nossas vidas, orando sobre suas vidas. Eles devem nos ver como pessoas que estão sempre prontas para vir diante de Deus e submeter nossas vidas à sua direção e provisão.

Temos isso em comum - queremos chegar diante de Deus e estar em sua presença. Queremos submeter nossas vidas à sua autoridade e cuidado.

Portal 3 - Dando (Zakat)

Dar é uma parte de todas as crenças e práticas religiosas. Na maioria é considerado uma virtude e um dever para quem realmente acredita. Geralmente tem dois propósitos, purificar a pessoa da dependência dos bens terrenos ou expressar gratidão e dependência da fonte do que possui.

Dar varia de sacrifícios feitos para apaziguar uma divindade ou espírito irado, até dar para cuidar das necessidades dos outros, o que abre o caminho para uma maior bênção ou iluminação. No hinduísmo, budismo, jainismo e sikkismo isso é chamado de "Dana". Seu propósito é cultivar a generosidade em nível pessoal e assim purificar a mente da pessoa. Isso permite que uma pessoa desenvolva um carma positivo e melhore seu nível de felicidade nesta vida e na próxima, bem como melhore o potencial de entrar em êxtase (Nirvana) em algum momento futuro.

No judaísmo, temos dois tipos principais de doação. Sacrifício, que é dar voluntariamente de seus recursos por várias razões: para lidar com a dívida do pecado, para expressar sua gratidão a Deus por tudo o que foi recebido e para buscar o favor de Deus em seus esforços terrenos. O outro tipo de doação é chamado de dízimo. Isso representa dar um décimo de tudo que uma pessoa produz a Deus. Nos tempos bíblicos, o dízimo era usado para sustentar aqueles que serviam no templo, para as atividades do templo, para cuidar das instalações e, às vezes, para prover o ensino das escrituras.

O primeiro exemplo de dar um dízimo foi dado por Abraão a Melquisedeque após sua derrota de um grupo de reis. Ele deu um décimo da pilhagem ao sacerdote de Deus em expressão de sua gratidão pela vitória e o retorno de tudo o que lhe foi tirado. A formalização do dízimo foi feita no tempo de Moisés e incluída na lei que lhe foi dada por Deus.

Os israelitas também foram incentivados a cuidar dos necessitados. A generosidade é encorajada porque tudo o que uma pessoa tem, na realidade, é fornecido por Deus e, assim, ajudar os outros abre as portas para maiores bênçãos de Deus. Nenhum mínimo ou limite foi colocado neste tipo de doação.

No cristianismo, a maior parte do que foi dito acima permanece verdadeira, exceto na área de oferecer sacrifícios. Não há mais necessidade de sacrifício pela dívida do pecado. Jesus deu a si mesmo como o único sacrifício verdadeiro e final. No entanto, os dons de ação de graças e de buscar o favor de Deus

continuam sendo praticados e incentivados. O dízimo é mantido como um lembrete de que tudo que uma pessoa tem vem de Deus e que a pessoa precisa depender de Deus para tudo.

O que se torna mais importante no cristianismo é dar para cuidar das necessidades dos outros. Isso começa com o comando de amar os outros como se ama a si mesmo e fazer pelos outros o que você espera que eles façam por você. De fato, a expressão mais alta desse nível de doação é a disposição de sacrificar suas posses e até mesmo a própria vida, para que outra pessoa possa ouvir a verdade, ser perdoada e restaurada em seu relacionamento com Deus. Essa pessoa se torna um canal que Deus pode usar para fornecer recursos para o cuidado de outros, o trabalho de missões e muito mais.

O dízimo torna-se então um mínimo, ou ponto de partida para aprender sobre dar e deixar Deus usar o que se tem para ajudar os outros.

Zakat

No Islã, o processo-chave para dar é chamado de “zakat”. O zakat é o dinheiro que todos os muçulmanos, que são financeiramente capazes, são obrigados a dar para ajudar a cuidar dos necessitados e pobres. É considerado um imposto obrigatório que deve ser pago aos coletores de zakat ou aos programas aprovados que distribuem esses fundos. Este é o terceiro dos cinco pilares do Islã

A palavra zakat significa “aquilo que purifica”. O propósito do zakat é duplo: 1. Purificar os desejos de uma pessoa e ajudá-la a se concentrar na fonte de tudo o que ela tem (a fonte é Allah), e 2. Purificar sua riqueza e renda no caso de algo acontecer. provêm de métodos ou fontes impuras.

Nem todos os muçulmanos devem dar. Os pobres e necessitados são excluídos da doação e existe uma fórmula usada para determinar quem deve doar. O primeiro passo neste processo é determinar se a pessoa possui riqueza que pode ser tributada. Isso começa determinando quais fundos uma pessoa tem que se enquadram no zakat. Itens como o custo de alimentação, vestuário, habitação e despesas de subsistência são excluídos. Lucros, economias e outros itens semelhantes estão incluídos.

A segunda etapa refere-se à determinação do “nisab”. O nisab é um valor que você pode ter e que não é tributável. Existe uma fórmula especial que é usada para definir esse valor a cada ano. Qualquer coisa acima desse valor é então tributada. Normalmente, a taxa utilizada para o imposto é de 2,5% de quaisquer fundos acima deste valor base. O processo é feito uma vez por ano no final do ano lunar. Quando é pago fica a critério da pessoa. Muitos pagam durante o Ramadã, pois acredita-se que boas ações feitas neste momento renderão mais recompensas.

Esse dinheiro é pago aos coletores de zakat que têm a responsabilidade de distribuí-lo aos necessitados. Alguns países têm departamentos especiais que realizam esse trabalho. Outros designam líderes ou imãs específicos nas mesquitas para receber o zakat e distribuí-lo.

Aqui está a lista dos aprovados para receber o zakat.

1. Os pobres
2. Os necessitados
3. O coletor de zakat
4. Os pobres e necessitados que são recém-convertidos ao Islã

5. Os escravos (para ajudá-los a comprar sua liberdade)
6. O viajante encalhado que precisa de assistência financeira
7. O devedor
8. Aqueles que estão longe de casa no “caminho de Allah”

Isso é bem diferente do que é ensinado nas Escrituras. Na Bíblia, espera-se que todos dêem. No caso de alguns dos sacrifícios do Antigo Testamento, havia opções fornecidas para que todos pudessem cumprir os requisitos de doação nesta área. Outra diferença importante é a quantidade. Zakat é limitado ao excesso de riqueza e apenas 2,5%. O dízimo é dado sobre todos os rendimentos. Jesus disse às pessoas que o dinheiro dado da riqueza de alguém tinha menos valor do que o que foi dado pela fé em Deus (Mc 12:43-44).

O que é o mesmo no islamismo e no cristianismo é o ensinamento de que tudo o que temos vem de Deus (Allah). Os seres humanos mantêm suas posses como mordomos. Dar é uma maneira de nos lembrarmos dessa verdade e demonstrar nossa dependência de Deus e não de nós mesmos.

Outra área que é a mesma é a responsabilidade de cuidar dos pobres ou necessitados. A diferença no cristianismo é o fato de que aqueles que recebem ajuda quando precisam não estão excluídos da responsabilidade de dar e cuidar dos outros também.

O Islam também inclui doações que não são obrigatórias. Isso é chamado de “sadaqah”. Isso inclui dar por compaixão, amizade, amor e generosidade. Não há horário, local ou valor específico para esse tipo de doação. Quando uma pessoa vê uma necessidade ou deseja dar, ela o faz. A Bíblia chama isso de caridade e também não tem tempo ou valor especificado. É a resposta de uma pessoa à necessidade de outra sem preocupação de recompensa agora ou em qualquer momento no futuro.

A pergunta que devemos nos fazer é: os outros nos veem como pessoas caridosas? Não em cumprimento a uma lei ou obrigação, mas porque vemos as necessidades ao nosso redor e respondemos. Não atingir um certo nível de doação, porque é isso que é necessário. Em vez disso, eles veem uma vontade de dar mesmo quando isso pode causar risco ao nosso próprio bem-estar, porque nos preocupamos mais com os outros do que com nós mesmos? Eles nos vêem dando nossas vidas para beneficiar os outros?

Este é o nível máximo de doação, a disposição de sacrificar minha vida para que outros recebam a verdade e sejam direcionados a Deus, que é a fonte de tudo o que temos.

A verdadeira doação é muito mais do que o dízimo. Muito mais do que ser caridoso. Trata-se de colocar os outros antes de nós mesmos para que eles não nos vejam, mas vejam aquele a quem seguimos. Que eles vejam Jesus e estejam dispostos a aprender mais sobre aquele que deu tudo para que pudéssemos ser restaurados e conhecer a Deus.

Portal 4 - Jejum

O jejum é uma parte do processo de apresentar as principais preocupações a Deus e permitir que Deus fale conosco. Dentro do cristianismo não há um tempo específico que seja reservado para o jejum, a

menos que você considere o que é feito durante a Quaresma dentro da Igreja Católica. Nesse contexto, as pessoas são convidadas a desistir de algo durante os quarenta dias que antecedem a morte e ressurreição de Cristo. Uma pessoa pode se abster de uma determinada comida, bebida ou atividade como forma de focar sua atenção no que Cristo fez por ela.

Assim como na oração, Jesus fez algumas declarações fortes sobre a prática do jejum. Ele criticou a maneira pública em que o jejum estava sendo feito. Tornou-se uma forma de atrair a atenção do público para a aparente piedade e sacrifício do indivíduo, em vez de um desejo de buscar a Deus. Jesus afirmou claramente que o jejum deve ser feito em silêncio, com pouca evidência externa de que uma pessoa está jejuando.

Temos exemplos de jejum feito por grandes grupos de pessoas. O rei de Nínive ordenou que toda a sua cidade jejuasse em resposta ao aviso de Jonas sobre o iminente julgamento de Deus. Isso resultou na salvação da cidade (Jonas 3:10). Além disso, Josias chamou o povo de Judá para um tempo de jejum que atrasou o julgamento de Deus até o reinado de um rei posterior (2 Reis 22:19-20).

Outro exemplo notável de jejum foi o de Daniel. Seu jejum e ato de penitência em nome do povo de Israel resultou em Deus enviando um anjo com informações sobre o futuro de vários reinos (Daniel 9). Aqui, o jejum tinha dois propósitos, confissão e desejo de entender o plano de Deus para o futuro.

No Novo Testamento vemos este segundo tipo de jejum demonstrado pela igreja em Antioquia. Eles começaram seu tempo de jejum clamando a Deus para revelar seu plano e direção para o futuro ministério da igreja. Isso resultou no envio de Paulo e Barnabé como os primeiros missionários. Mais tarde, Paulo e Barnabé jejuaram e oraram ao selecionar líderes para as novas igrejas.

Há três exemplos de pessoas que jejuaram em preparação para servir. Moisés jejuou quarenta dias em duas ocasiões para estar pronto para receber a lei e a direção de Deus para o povo de Israel. Elias jejuou quarenta dias em preparação para retornar e continuar proclamando a palavra de Deus ao impenitente povo de Israel. Jesus jejuou quarenta dias em preparação para seu ministério aqui na terra.

De tudo isso vemos que o jejum é uma atividade importante na vida de um cristão. Claramente, devemos estar envolvidos em tempos de jejum para que Deus possa falar conosco e nos mostrar o que ele quer que façamos e clamar a Deus por direção e força para realizar sua missão.

O jejum também faz parte de muitas religiões do mundo. Uma das formas mais extremas é encontrada em um dos grupos religiosos do Japão (Budismo Shugendo) onde a pessoa jejuava até morrer. É feito de tal forma que o corpo é mumificado no processo. Eles fazem isso na crença de que isso lhes garantirá a entrada na bem-aventurança. Os monges do budismo também jejuam. Eles não comem nenhum alimento após a refeição do meio-dia. Isso é para ajudar na meditação e na boa saúde. O hinduísmo pratica um dia semanal de jejum.

Ramadã

O jejum, ou sawm, também é uma parte fundamental da fé muçulmana. O tempo de jejum é conhecido como Ramadã. O Ramadã dura 30 dias e ocorre no nono mês do calendário muçulmano. Esta data é baseada em quando Maomé começou a receber as visões de Gabriel e as mensagens que se tornaram o Alcorão. Durante esses 30 dias, as pessoas se reúnem para ler o Alcorão, que é dividido em 30 partes para que seja recitado em sua totalidade durante o Ramadã.

O jejum serve a vários propósitos principais. Primeiro, a fome e a sede são para lembrá-los do sofrimento dos pobres, para lembrá-los de não desperdiçar e lembrá-los de serem gratos pelo que têm. Em segundo lugar, oferece uma oportunidade de aprender o autocontrole, abstendo-se não apenas de comida e bebida, mas também de más ações, pensamentos e palavras. Terceiro, é hora de limpar o corpo e a mente, focar no fortalecimento dos laços familiares e das amizades e acabar com os maus hábitos.

O Ramadã lembra aos muçulmanos que eles compartilham um parentesco especial ao participar do jejum com todos os outros muçulmanos. É também um tempo para aprender a paz e a dependência de Deus e permite que eles reavaliem suas vidas.

Todos os dias antes do nascer do sol é feita uma refeição chamada suhoor. Aqueles que participam do jejum não vão comer ou beber novamente até depois do pôr do sol. Nesse momento o jejum será quebrado com uma refeição conhecida como ittar. Mas esta refeição é mais do que apenas uma refeição. É uma celebração da família, da amizade e da provisão de Allah. Além disso, não é incomum que a programação diária seja alterada durante o Ramadã. As pessoas descansam durante o dia e trabalham à noite.

Há saudações especiais usadas durante este mês também:

- Ramadan Kareem – Ramadan nobre (ou generoso)
- Ramadan Mubarak – Abençoado Ramadã
- Kul 'am wa enta bi-khair - Que todos os anos você esteja com boa saúde

Os 30 dias de jejum do Ramadã terminam com a observação do Eid al-fitr ou o Festival do Quebra do Jejum. Este festival tradicionalmente dura três dias. Um elemento-chave disso é dar aos necessitados. A doação será de alimentos.

Jejuar para um muçulmano é mais do que apenas abstinência de comida durante o dia. Trata-se de se concentrar em seu relacionamento com Allah e com os outros. Fica claro também que é diferente do que os cristãos entendem como jejum, abstinência completa por um período específico. Para os muçulmanos, o jejum é muito público. Para os cristãos, é muito particular.

De muitas maneiras, os muçulmanos consideram os cristãos como pessoas que não levam a sério sua fé. Eles não os veem jejuando publicamente, eles não os veem orando publicamente. Suas crenças e compromissos são avaliados com base em expressões públicas de dependência de Deus. Não é incomum que os muçulmanos se surpreendam ao saber que os cristãos jejuam e ainda mais na maneira como jejuam.

O importante é levarmos o jejum a sério e torná-lo um hábito em nossas vidas. De muitas maneiras, seria de grande valor e importância começar a jejuar para que possamos concentrar nossos pensamentos e vidas em receber a orientação e o poder de Deus para aprender como alcançar os muçulmanos. O jejum é uma parte fundamental de sua fé. Pelo menos para aqueles que realmente a praticam. Deveria ser diferente para nós?

O Ramadã pode apresentar muitas oportunidades para se relacionar com os muçulmanos. Durante esse período, eles costumam estar mais abertos a falar sobre assuntos espirituais. Embora para muitos,

participar do Ramadã seja um ato de obediência feito por obrigação (e para alguns evitar a condenação de outros), muitos estão realmente usando o tempo para buscar a Deus. Isso pode abrir portas para falar sobre Deus. Na verdade, Deus muitas vezes usa esse tempo para enviar visões e sonhos porque eles estão abertos para buscar a verdade.

E se praticássemos nossa própria forma de Ramadã? E se nos comprometermos a jejuar de uma forma ou de outra e usarmos o tempo para orar por nossos conhecidos muçulmanos, amigos e por aqueles que ministram aos muçulmanos? Deus não responderia se jejuássemos para abrir as portas de seus corações? Não é isso que é o jejum, buscar a Deus para que ele possa abrir nossos corações para que possamos ver o que Deus está fazendo e responder? Não deveríamos jejuar para clamar a Deus para preparar os corações daqueles que encontraremos?

O que acontecerá se começarmos a jejuar por eles e eles virem a prova do nosso compromisso nas mudanças que Deus opera em nós?

Portal 5 – Ritual - Hajj

Uma das principais expressões do nosso compromisso com a nossa crença está na realização de rituais. Os rituais assumem muitas formas. De fato, a maior parte do que discutimos até aqui pode ser considerada diferentes tipos de rituais. Os credos seriam o ritual mais básico; declarações simples e claras de quem somos e o que acreditamos que são feitas em momentos e contextos-chave. Estes são feitos de forma a ganhar a atenção daqueles que nos rodeiam. A oração pode se tornar um ritual quando é simplesmente repetida e feita usando expressões formuladas. Pode conter certas frases e conteúdo, ou é dito em certos momentos e lugares, tudo para chamar a atenção da divindade ou poder que procuramos influenciar. O jejum torna-se ritual quando é feito apenas em determinados momentos e sob certas circunstâncias, para provar o valor e a capacidade de ter autocontrole e negar a si mesmo para obter status e reconhecimento mais elevados. A doação também pode se tornar um ritual quando se restringe ao cumprimento de obrigações como parte de obter aprovação e provar a falta de dependência de bens materiais.

O último nível de ritual diz respeito ao cumprimento de atos de lembrança que refletem um evento chave na história de uma crença e seu fundador, como a comunhão na Igreja Cristã. Esses rituais também representam um desejo de expressar maior comprometimento com o que se acredita.

Muitos festivais religiosos são, de fato, rituais importantes que são exigidos como evidência de obediência e compromisso. Os judeus tinham vários deles. No Antigo Testamento, todos os judeus adultos do sexo masculino se reuniam todos os anos no templo de Jerusalém para vários deles. A mais importante sendo a Páscoa, outra era chamada de Festa dos Tabernáculos. Durante cada um desses eventos, esperava-se que os participantes seguissem um conjunto prescrito de comportamentos e ações como parte do ritual. Com a destruição do templo em 70 dC isso chegou ao fim. No entanto, o objetivo de muitos judeus hoje é fazer uma viagem a Jerusalém pelo menos uma vez na vida e passar um tempo no muro das lamentações para orar. Embora não seja necessário, muitos acham que é uma parte crítica de ser judeu.

Estabelecer publicamente o status e o compromisso de uma pessoa com sua crença geralmente envolve rituais. Alguns são feitos apenas uma vez. Outros podem ser repetidos regularmente. Dentro do cristianismo, o batismo é um ritual destinado a declarar publicamente o compromisso de ser cristão. Também reflete a morte e ressurreição de Cristo. O batismo simboliza a morte da pessoa para o passado e o início de uma vida renovada da pessoa como seguidora de Cristo. Outro ritual público do cristianismo é a comunhão. Este ritual é um lembrete do sacrifício que Cristo fez por toda a humanidade. Este ritual pode ser realizado com frequência semanal na vida de uma pessoa. Muitos cristãos esperam realizar este ritual pouco antes de morrer para dar um testemunho visível de sua fé em Cristo e crença na vida eterna.

Há outro nível de ritual que envolve longos períodos de atividade e compromisso. Estas são chamadas de peregrinações; repetir uma jornada ou ação do fundador ou líder-chave de uma religião. Além de mostrar sua fé, uma peregrinação é uma tentativa de obter aprovação e perdão na forma de atos de penitência. Outro objetivo fundamental é obter maior compreensão da fé de alguém.

Na igreja católica há muitas peregrinações. Por exemplo, no Panamá todos os anos em outubro as pessoas caminham da Cidade do Panamá para Portobelo (cerca de 53 milhas). Eles costumam usar mantos roxos como um ato de penitência e para ganhar o favor de Deus. Outra peregrinação popular é visitar a Cidade do Vaticano, a casa do papa, em Roma. A maior das peregrinações é o kumbh Mela do hinduísmo. Envolve tomar banho em um rio sagrado. O local mais comum é o rio Ganges em Haridwar. Acredita-se que banhar-se nos rios sagrados purifica a pessoa de seus pecados. Em 2013, mais de 120 milhões participaram desta peregrinação.

O mais conhecido desse tipo de ritual é encontrado no Islã e é chamado de Hajj. É realizada uma vez por ano. Seu objetivo é reencenar a fuga de Maomé de Meca a Medina e seu retorno vitorioso a Meca, onde destruiu os ídolos encontrados na Caaba. Este é o último dos cinco pilares do Islã e espera-se que todo muçulmano faça essa viagem pelo menos uma vez na vida, se possível. Todos os anos, milhões chegam a Meca para a peregrinação de sete dias.

A primeira coisa que cada pessoa faz ao chegar a Meca é entrar no estado de santidade. Isso é feito passando por um ritual de limpeza e colocando dois pedaços de pano branco ao redor da cintura e sobre o ombro. Isso é chamado de entrar no ihram. Este traje faz duas coisas: 1. Declara para todos que esta pessoa está entrando na peregrinação e 2. Declara a todos a igualdade e unidade de todos os peregrinos diante de Allah. Isso ocorre do 8º ao 12º dia do último mês do calendário lunar islâmico, que é mais curto que o calendário solar. Isso faz com que as datas mudem a cada ano.

Neste ponto o muçulmano começa as etapas do Hajj

1. Tawaf – Circulando sete vezes no sentido anti-horário ao redor da Ka'ba. Se possível, cada peregrino tenta beijar a Pedra Negra ou pelo menos apontar para ela se não puder ser tocada por causa da multidão.
2. Sa'ay – Correr ou caminhar sete vezes entre as colinas de Safa e Marwah
3. Mina – Passar um dia e uma noite na Mina em orações e meditação

4. Arafat – realizando wuguf – ritual de ficar em pé que ocorre na pequena colina de Jabal al-Rahma em Arafat
5. Muzdalifah – Fazer orações e passar a noite em oração e dormir no chão
6. Ramy al-Jamarat – Realização de um apedrejamento simbólico do diabo atirando sete pedras. Isso é feito em três dias diferentes em três pilares diferentes.
7. Raspar a cabeça – Raspar a cabeça e realizar um segundo Tawaf
8. Hadi - Sacrificar um animal para comemorar o sacrifício de Abraão de um carneiro no lugar de seu filho
9. Tawaf al-Wadaa – Circulando a Ka’ba novamente para se despedir e terminar o estado de santidade e remover as vestes do ihram.

Aqueles que completam com sucesso o hajj têm o título hajj ou hajji adicionado ao seu nome.

Os cristãos não têm nada como o hajj. Alguns podem optar por viajar para Israel e seguir os passos de Jesus, mas isso não é obrigatório e não muda seu status diante de Deus. Isso é constante por causa de sua crença em Jesus e Seu sacrifício por seus pecados.

Ao invés de uma peregrinação, os cristãos são chamados a cada dia é viver para Cristo; tomar a sua cruz e segui-lo. Amar os outros, como ele nos amou. Para ir ao mundo e proclamar as boas novas. Seguir a Cristo, viver como Cristo e fazer a jornada que os leva àqueles que não ouviram o evangelho. Para alguns, essa jornada é tão curta quanto uma viagem para seus familiares e vizinhos. Para outros, a jornada é ajudar os outros a irem para aqueles que não estão por perto, para aqueles que são considerados excluídos e rejeitados, e para aqueles que fazem parte de todas as nações do mundo. E para alguns, essa jornada significa ir a esses lugares para compartilhar a mensagem de salvação de Deus. Embora a duração da viagem possa variar, a peregrinação é sempre a mesma. Os cristãos devem arriscar o que têm para dizer aos outros o que sabem sobre o Deus que ama. Quer se trate de alguns passos ou milhares de quilômetros.

Para os cristãos, a pergunta é: os outros veem em nós o compromisso de seguir Jesus em todos os aspectos de nossas vidas? Eles vêem que estamos percorrendo o caminho que ele percorreu e vivendo a vida que ele nos chama a viver? Esta peregrinação é sobre o que fazemos para seguir o mandamento de Jesus de buscar os perdidos e ajudá-los a encontrá-lo. Esta peregrinação não é como qualquer outra, requer uma vida inteira.

Para alcançar aqueles como o muçulmano pode levar uma vida inteira e até mesmo uma vida. Vamos assumir o compromisso de fazer esta peregrinação até que eles nos vejam como pessoas que realmente se importam com eles?

Recursos – Esta seção fornece uma lista de recursos usados na preparação de cada tópico.

01 - Fundação do Islã

<http://www.allaboutreligion.org/origin-of-islam.htm>

<http://www.dummies.com/religion/islam/gaining-an-overview-of-islamic-origins/>

https://en.wikipedia.org/wiki/History_of_Islam

<https://en.wikipedia.org/wiki/Muhammad>

02 - Cremos

<https://en.wikipedia.org/wiki/Shahada>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Five_Pillars_of_Islam

<http://www.religionfacts.com/shahada>

<http://www.answeringmuslims.com/2012/10/what-is-shahada.html>

<http://www.religioustolerance.org/buddhism1.htm>

<http://world-faiths.com/buddhism-2/beliefs/>

03 - Oraçã

<http://www.bbc.co.uk/religion/religions/islam/practices/salat.shtml>

<http://www.christianitytoday.com/ct/2015/june-web-only/how-christians-can-observe-ramadan.html>

<https://en.wikipedia.org/wiki/Salah>

<https://en.wikipedia.org/wiki/Wudu>

<http://insideislam.wisc.edu/2011/12/pillars-of-islam-prayer/>

04 – Dando

<https://en.wikipedia.org/wiki/Zakat>

<http://www.zakat.org/zakat-and-beyond/>

<https://www.islamichelp.org.uk/zakat/>

<http://www.zpub.com/aaa/zakat-def.html>

<https://en.wikipedia.org/wiki/Sadaqah>

05 - Ramadã

<https://en.wikipedia.org/wiki/Sokushinbutsu>

<http://www.factmonster.com/spot/ramadan1.html>

http://islam.about.com/od/ramadan/qt/ramadan_greet.htm

http://islam.about.com/od/ramadan/f/eid_fitr.htm

<http://islam.about.com/od/ramadan/f/ramadanintro.htm>

06 – Ritual

https://en.wikipedia.org/wiki/Kumbh_Mela

<http://www.coloncity.com/blackchrist.html>

<https://en.wikipedia.org/wiki/Pilgrimage>

<http://www.religionfacts.com/hajj>

<https://en.wikipedia.org/wiki/Hajj>